

OS ATLANTES DE DIODORO SÍCULO

Os Atlantes de Diodoro não têm nada a ver com os habitantes da famosa Atlantida, de que nos falam Platão, Teopompo e outros, e que um cataclismo teria devorado; eram os povos estabelecidos pelas costas do Atlântico, desde o Mar do Norte ao Atlas, e que para o nosso historiador tinham uma existência tão real e verdadeira, como qualquer outro povo seu contemporâneo.

Na série destas populações encontram-se, como se vê, os ocupantes do ocidente da Espanha e isto basta para explicar o interesse que as informações do autor siciliano nos podem despertar. (Têm elas todos os caracteres de autenticidade? Nós partimos da afirmativa, fundados nos factos que irão sendo expostos no decurso desta investigação.

Diodoro limita-se a dar-nos um resumo da teogonia dos Atlantes, mas é o caso de repetir: dize-me que deuses adoras, eu te direi quem tu és. Os Atlantes — escreve êle — reconhecem Urano por seu primeiro rei (lede, deus). Urano teve por esposa Titea, e daí veio que os filhos **dêste** primeiro grupo divino foram chamados Titans. A Urano sucedeu **Hipérion**, seu filho, casado com Basília, da qual teve Hélius e Selene; mas os Titans, invejosos das glórias do irmão, matam-no e matam também Hélius. Selene, louca de dor, precipita-se duma torre abaixo e morre igualmente. A pobre mãe procura debalde o cadáver do filho pelas margens do Eridano, até que, morta de fadiga e de tristeza, adormece e então Hélius aparece-lhe em sonhos e diz-lhe que dentro em pouco será colocado no céu e sua **irmã** Selene, **êle** com o nome de Sol, ela com o nome de Mene, ou Lua.

Sobem ao trono Saturno e Atlas, que governam em regiões diferentes, mas muito indeterminadas, porque ambas elas se relacionam com o Ocidente.

Saturno tornou-se aborrecido pelas suas tiranias, ao passo que Júpiter, seu filho, captava o amor de todo o mundo pelas qualidades contrárias; e, acrescenta Diodoro, ou porque Saturno abdicasse, ou porque uma revolução, promovida pelo filho, o expulsasse do trono, Júpiter ficou governando com o aplauso geral e governando *in perpetuum* (1).

Esta teogonia, muito **notável** por algumas particularidades, de que nos ocuparemos logo, já o **não** é pouco pelo encadeamento natural e pela transparência dos seus mitos.

(1) Diodorus Siculus, III, págs. 56 e seg

O momento cronológico do seu ponto de partida é a noite (1); porque Urano não é senão o Varuna védico, o céu nocturno. A sucessão de Hipérion a Urano é a sucessão do dia à noite, do céu diurno ao nocturno; por isso Hélius é filho de Hipérion e morre com **êle**. A morte do pai e do filho significam, como se vê, a **extinção** do dia.

Saturno sucedendo a Hipérion e a Hélius, Júpiter destronando Saturno, reproduzem os mitos precedentes sob outros nomes e outras formas; pois que, se Saturno tem sido já reconhecido como o *alter ego* de Urano, nenhuma dúvida há que Júpiter é o céu diurno, e portanto o mesmo que Hipérion (2).

Esta duplicação de factos míticos acha-se também na teogonia grega; mas **não** é só nisso que ela se encontra com a dos **Atlantes**; as afinidades das duas são tais, que o próprio Diodoro as acentua por mais duma vez; e é desde êste ponto que a questão começa a ganhar um vivo interêsse.

(Que poderosa influência foi essa que logrou propagar uma mitologia ariana pelas costas occidentais da Europa, desde o Mar do Norte até o Atlas ?

Escusando de provar que os Gregos estão inteiramente fora do debate, vamos ver que também se **não** pode pensar nos Romanos, porque uma mitologia ariana no extremo occidente é infinitamente mais antiga que a presença dos conquistadores romanos nestas regiões.

Comecemos pelo Mar do Norte e pelas legendas respectivas a êste mar célebre. Como se sabe, o Mar do Norte era chamado Satúrnio ou Crónio e o melhor comentário desta denominação encontra-se já em Hesiodo. Numa das passagens da sua teogonia o velho poeta coloca o Tártaro no Mar do Norte, dizendo-nos que ai estava encarcerado Saturno com os **Titás**, depois da sua luta com Zeus ou Júpiter (3). O encarceramento de Saturno, depois da sua luta com Zeus, é uma das variadas lendas míticas, exprimindo o desaparecimento do céu nocturno diante do céu diurno. O que porém nos chama a atenção é a localização do fenómeno num mar, e nomeadamente no Mar do Norte.

Não se despreze a autoridade do poeta, a pretexto de que **êle** tem **sôbre** o Tártaro as ideas mais confusas, visto que, se numa parte no-lo mostra **efectivamente** numa região do Oceano, noutra o **supõe** nas entranhas da terra (4). O que daqui há-de concluir-se é que, como muita vez **lhe** acontece, Hesiodo reproduziu legendas diferentes, porque provêm de duas concepções **cosmográficas** diversas. O Tártaro nas entranhas da terra pertence inegavelmente ao sistema primitivo, que imaginava a abóbada celeste ligando imediatamente com a terra e cobrindo-a com uma redoma. **É** de ver que nestas condições, para poder explicar o desaparecimento das trevas, ou do céu nocturno, que vale o

(1) E talvez a esta luz que há-de interpretar-se a noticia de César, quando afirma que os Gauleses se diziam descendentes de Dis.

(2) Na interpretação que damos aos mitos, adoptamos os principios estabelecidos por Mr. Ploix, no seu livro: *La nature des Dieux*, e que eram, há muito, os nossos. Isto não quer dizer que concordemos com tôdas as interpretações do illustre mitólogo.

(3) **Sôbre** êste ponto vid. *Argonautas*, págs. 80 e 81 e nota 6.

(4) O Tártaro, diz **êle**, dista tanto da superficie da terra, como a superficie da terra dista do céu.

mesmo, **fôrça** era conceber um enorme boqueirão aherto no solo, por onde elas se sumissem.

A descoberta do Oceano Atlântico **não** podia deixar de suscitar uma explicação muito diferente no espírito daqueles que viam com os seus próprios olhos desaparecerem, **não** nas entranhas da terra, mas nas águas daquele mar, os deuses nocturnos e ainda os deuses da luz.

Que estas duas concepções do Tártaro se **não** encontrem na colecção um pouco caótica de legendas que se chama Teogonia de Hesíodo (1), só o pode desconhecer, nos parece, quem **nunca** reflectiu nelas.

E pôsto isto, é muito claro que a segunda, a do Tártaro no Mar do Norte, foi vulgarizada no mundo grego por um povo que frequentava aquele mar. Êste povo só pode ser o fenicio; e nós sabemos como as aventuras marítimas dos Fenicios foram **não** sòmente vulgarizadas, mas naturalizadas na Grécia, para admirarmos o simples caso que nos ocupa (2).

Mas as legendas reproduzidas por Hesíodo, respeitantes ao Mar do Norte, não podem ser de origem fenicia. Os Fenicios tinham um Saturno ou Cronos, e alguns mitólogos, fundados em textos muito expressos, pretendem que o Cronos grego e o Cronos fenicio tinham intimas afinidades. Nós porém **não** hesitamos em afirmar que esta opinião só em parte é defensável. O Cronos fenicio luta com Urano e destrona-o; até aqui as duas mitologias concordam; mas o Cronos ou Saturno fenicio, depois da sua vitória, fica governando **perpêtuamente** o universo, como Zeus depois da sua vitória sòbre o Cronos grego (3). O destronamento de Saturno por qualquer outro deus é absolutamente estranho à mitologia fenicia. Pelo contrario, forma o traço predominante do Saturno ariano, quer quando a lenda o mostra encarcerado no Tártaro, quer quando nos conta a sua fuga para o ocidente diante dos seus inimigos, ou o seu refúgio no Latium (4).

A legenda de Saturno encarcerado no Mar do Norte **não** pode ser pois de procedência fenicia. E ainda por outra razão. Se os fenicios **fôssem** os inventores do Inferno **Oceânico** (5), levados a isso pela observação directa dos **fenómenos**, era com certeza na direcção do ocidente que o localizariam, conforme a evidência da realidade das **cousas**, e não na direcção do norte, onde ninguém podia ter visto nunca sumir-se um deus da noite ou do dia.

As conseqüências a tirar são:— que as legendas de Hesíodo **sòbre** o encarceramento de Saturno no Mar do Norte são de origem ariana;— que o Mar do Norte devia ser um mar ocidental para os inventores do mito, pois que sòmente neste caso tem êle uma razão de ser. Isto equivale a dizer que os

(1) Parece fora de dúvida que nesta obra há retalhos de diferentes autores.

(2) Na primeira parte dor *Argonautas* tratamos desenvolvidamente êste assunto.

(3) Para conhecimento dêstes factor melhor e ler a exposição de Filon de Biblos, que as opiniões dos mitólogos, **sem** exceptuar ai de Movers.

(4) Conforme alguns etimologistas antigos, Latium significaria por isso esconderijo, de *latere*.

(5) Trans-oceânico lhe chama Mr. Decharme, notando que êle teve pouca voga no mundo greco-romano. Isso prova ainda que esta concepção foi importada de fora.

criadores de tal mito só podiam habitar nas costas do Mar do Norte, pelas imediações do Reno.

#

Acode aqui naturalmente uma das noticias de Diodoro. Segundo vimos, a tragédia de Hélius colocou-a êle no Eridano. O Eridano dos antigos era o Reno; e a autenticidade e a antiguidade da informação do nosso historiador acha-se contraprovada desta vez pelas alusões de Hesiodo a êste mesmo facto, com particularidades que não deixam a menor dúvida sôbre a identidade de Eridano e do Reno (1).

A morte de Hélius na foz do Eridano claramente se vê que é uma inovação mítica, idêntica à do encarceramento de Saturno numa região marítima e devida às mesmas causas. É o ocaso do sol no mar (2).

Na tradição primitiva, o filho de Hipérion devia descer ao Tártaro terrestre, que na versão itálica era figurado como uma caverna, a do Caco, podendo ser imaginada num país sertanejo. Depois da descoberta do mar ocidental e para aqueles que das suas margens contemplavam o fenómeno do pôr do sol, a velha concepção não podia continuar e tinha de ser substituída por outra mais conforme à realidade.

Por agora chamaremos apenas a atenção do leitor para a localização do mito na foz do Eridano. ¿Não é evidente que os inventores dêste mito só podiam habitar as costas do Mar do Norte, a norte e a sul do Reno? ¿E não fica dêste modo plenamente confirmada a explicação que demos da denominação do Mar Saturnio?

*

Razões tínhamos pois para afirmar que, muitos séculos antes da presença dos Romanos no último ocidente, existia nêle uma mitologia ariana, que divergia um pouco da grega na modificação de certos mitos, o que prova apenas, vista a natureza daquelas modificações, que a vivificava ainda essa adoração dos deuses face a face, tão transparente em alguns hinos do Rig-Veda.

¿Quem podiam ser agora estes velhos árias das margens do Reno? Para expor e fundamentar a nossa opinião, teríamos de reproduzir muitas das páginas que escrevemos nos *Argonautas*, e para as quais remetemos o leitor que se interessar por estes assuntos. Ali estabelecemos ou pareceu-nos estabelecer, que toda a colonização das costas ocidentais da Europa, desde o Báltico até o sudoeste da Espanha, não falando nas Ilhas Britânicas, foi efectuada por uma

(1) Hesiodo, fragmento civ, ed. Didot. Aqui o nome do Herói é Faetonte. As lágrimas de suas irmãs, as Heliades, são transformadas em âmbar. O âmbar vinha do Mar do Norte. Já escrevemos noutra parte que a fábula de Faetonte era a mitificação da história de Absirto, filho de Æetes. Deveríamos dizer que se encontra nela o amalgama de elementos historicos e míticos, como na Heraclea grega e em muitas outras legendas.

(2) Trmos por certo que a legenda de Phryxo e de Helle é uma imitação desastrada da de Hélius e Selene; tão desastrada, que a marcha dos dous se faz de poente para nascente, da Grécia para a Cólquida, e, pelo que diz respeito a Phryxo, contendo mais elementos históricos do que míticos.

formidável corrente de povos emigrados da Ásia para a Europa, que, tomando pelo caminho do Danúbio, depois pelo do Reno, e esbarrando com o mar ocidental, tinha sido forçada a difundir-se pelas margens do Atlântico. Sendo a foz do Reno o ponto de irradiação destas colónias, está achada a razão por que o Mar do Norte se tornou o teatro dos mitos modificados, que temos passado em revista.

Certamente a localização de tais mitos havia de ir variando, conforme a posição geográfica, que cada colónia fôsse tomando, quando desceu para o sul, ou quando atravessou para as Ilhas Britânicas; e veremos que assim sucedeu. É porém naturalíssimo que a foz do Erídano e o Mar do Norte, onde os emigrados observaram pela primeira vez fenômenos que nunca julgaram possíveis, e que tão profundamente deviam alterar as suas antigas crenças, ficassem sempre a ser considerados como o teatro por excelência daquela assombrosa revolução.

De resto, como afirmámos, a posição do Inferno Oceânico foi variando, em harmonia com a situação geográfica de cada colónia. Para os ocupantes das Ilhas Britânicas, por exemplo, o encarceramento de Saturno no Mar do Norte propriamente dito, seria *cousa tão absurda*, como o ocaso do sol no oriente. Mas veja-se esta noticia de Plutarco. A poente das Ilhas Britânicas, diz êle sob a fé dum misterioso informador, existia uma ilha, onde se tinha por certo estar prisioneiro Saturno com os *cortesãos*, que o haviam servido no tempo da sua prosperidade. Segundo a tradição, a guarda daquele mar tinha sido confiada ao velho deus (1).

Como se vê, é a legenda de Hesiodo, mas translocada agora do Cronos do Oceano, ou do antigo Mar Satúrnio, para um mar ao ocidente das Ilhas Britânicas — que importa o mesmo que dizer, é uma tradição local irlandesa (2).

O culto de Saturno encontrava-se também no litoral da Espanha entre dous povos, os Cempses e os Cinetos. Não se pode jurar que os seus adoradores vissem nêle o deus, a quem fôra confiada a guarda do mar ocidental, como os do norte; porque nenhuma informação precisa nos restam sobre este ponto; é porém muito provável que assim fôsse, visto como nas Canárias vamos achar localizada uma legenda, que não difere essencialmente da que vigorava na Irlanda. Nestas ilhas, chamadas Fortunatas ou Bem-aventuradas, governava o velho Saturno. O seu império não se assemelha muito ao Tártaro tenebroso de Hesiodo; mas também na tradição irlandesa, a prisão, onde habita o deus, é uma região deliciosa, e os seus devotos sabem que êle os pode encher de benefícios e comunicar-lhes importantes segredos, porque lê na mente de Júpiter.

(1) Plutarco no seu tratado: *De laface qui paraît sur la lune*. Citamos a tradução francesa do Abade Ricard.

(2) No tempo de S. Patrício, os irlandeses adoravam ainda o deus Crom, cuja estátua se via no acampo da adoração » cercada por vários outros idolos. Não seria desarrazoada a idea de ver nestes ídolos a representação de Cronos e do seu cortejo, a que alude Plutarco. Se Crom e Cronos fôsem a mesma palavra, a forma irlandesa ofereceria uma etimologia satisfatória.

*

Para completar as observações, que as notícias de Diodoro nos sugerem, quanto à mitologia ariana do Ocidente, **não** será inútil lembrar que o exame doutros documentos (1) nos levou a conclusão de que os **Tírios** na sua primeira expedição ao Mar do Norte encontraram entre Tartesso e a foz do Reno templos consagrados a divindades arianas, a Prosérpina, a Marte, a Circe, e que os propagandistas dêstes cultos foram os árias da corrente do Reno, que se alastrou para o sul.

Imagina-se pois, se acreditaremos ou **não** na autenticidade das informações dum escritor, que vem confirmar as nossas conjecturas com as declarações mais positivas.

O laconismo das suas notícias é para **lamentar**, mas em compensação a teogonia dos ocidentais é feita com traços tão seguros e, a nosso ver, **tão** verdadeiros, que as poucas páginas, que o historiador Ihes consagra, tem um valor inestimável.

*

Dir-se-á que, para sermos coerentes, deveríamos admitir, com o autor da *Bibliotheca Historica*, que a migração árica **não** parou no sudoeste da Espanha, mas atravessou para a **África**, estendendo-se até perto do Atlas. Certamente que **não** recuamos diante desta hipótese; e, se não temos provas plenas em seu favor, vamos reproduzir alguns factos, que não são, cremos nós, muito a favor dos que queiram sustentar a contrária. Nós sabemos que os Fenícios, quando a vez primeira visitaram as costas ocidentais da Libia, **já** ai encontraram estabelecidos povos de certa cultura, entre os quais se distinguiam os Lixitas (2), e Adolfo Pictet encontrava por estas costas rios de nomes célticos (3). É verdade que M. de Jubainville impugnou o valor das etimologias do grande celtista (4); mas **¿** qual dos dois **sábios** tem razão?

Conta Dieffenbach que uma dama do Pais de Gales com o auxilio da lingua natal (*céltica*) pôde compreender uns Berberes que falavam na sua (5).

Provavelmente alguns linguistas, que têm estudado a língua da Kabylia, rir-se-ão de Dieffenbach e da dama de Gales (6); (mas na Kabylia há uma só língua e os estudos linguisticos, feitos naquele estranho povo, são tão completos, que todos os seus mistérios estejam decifrados? Parece que é o contrário.

Um observador ilustre, Bodichon, que se ocupou especialmente do tipo físico dos Berberes, achava-lhes tão estreitas analogias com o dos Bretões que

(1) Nos Argonautas.

(2) Inferido da crítica dos Errores de Ulisses.

(3) Na *Revue Celtique*.

(4) *Ibidem*.

(5) Na sua obra: *Celtica*.

(6) Para alguns a lingua berbere é camita.

pretendia ver nestes uns descendentes daqueles (r). É claro do mesmo principio se pode tirar a conclusão inversa.

Os monumentos megalíticos do norte da África, entre Gibraltar e Cartago, muito parecidos aos da Bretanha e outras partes do ocidente da Europa, têm dado origem à suposição de que os construtores destes monumentos caminhassem de sul para norte; não obstante, a maioria dos arqueólogos admite a marcha oposta e, a nosso juízo, só esta opinião é racional.

Todos estes factos, embora muito misteriosos, há-de confessar-se que **não são** os mais próprios para malquistar-nos com a ocupação desta parte da Libia por populações arianas da primeira migração.

Se, como parece, a chegada dos árias da corrente do Reno ao sudoeste da Espanha regula pelo século xv a. C., a sua presença no norte da África pouco posterior podia ser a esta data. Ora dá-se a coincidência singular de que, desde o século xv e principalmente no seguinte, os povos da bacia do Mediterrâneo entre a Sicilia e o Estreito de Gibraltar mostram repentinamente sinais duma vida irrequieta e aventureira, que quadra **admiravelmente** a todos os emigrados em busca duma nova pátria.

Falamos dos povos, que por mais duma vez se coligaram contra o Egipto, e só perderam a louca idea de o conquistar, depois de reconhecida a impotência dos seus ataques. Alguns destes povos **são** designados com o nome **genérico** de **Líbios**, mas como os Máxyes, êsses especializados, viviam na Numidia e na Mauritânia dos Romanos. Eram êles povos áricos? As armas e jóias de bronze, de que usavam, dão-lhes todo o direito a entrar na categoria dos chamados povos da civilização do bronze; e, a não serem arianos, há-de ser difficil descobrir que gente desta parte da África pudesse conhecer o bronze na **época** de que se trata.

Acresce que na famosa coligação aparecem legítimos representantes da primeira migração árica, os Oscos e os Siculos, da corrente do Ródano (2). Não seria **cousa** estranha que no litoral da Mauritânia ou da Numidia se fechasse o movimento de expansão das duas correntes do Ródano e Reno (3), por ter ali cada uma delas tomado uma direcção oposta, a primeira seguindo de nascente a poente depois de passar da Sicília para a costa africana, a segunda vindo de poente para nascente, depois de atravessar o Estreito de Gibraltar. Êste acontecimento muito **plausível** explicaria, melhor que nenhuma outra hipótese, o laço de união que prende os inimigos do Egipto e os associa numa **emprêsa** comum, como explicaria a uniformidade de civilização, que transparece em todos os associados.

(1) Em Belloguet, *Ethnogénie gauloise*.

(2) Para todos estes factos vidè Chabas, *Études sur l'antiquité historique*.

(3) É opinião nossa que a grande migração ariana que veio pelo caminho do Danúbio até L fontes deste rio, tomou depois duas direcções: a do Reno e de que já falámos, e a do Ródano, que lhe abriu caminho para a Itália e Sicilia.

*

Não esqueça que o nosso fim é unicamente mostrar que a afirmativa de Diodoro, quanto à ocupação duma parte das costas ocidentais da Libia por tribus da mesma família que habitava pelo poente da Europa, pode ser um problema muito digno de estudo, e só será absurdo para aqueles que desconhecem o quanto a filologia histórica tem ainda que fazer, e quantos filões estão ainda por explorar.

Como pelas costas ocidentais da Europa, e muito menos pela Libia, ninguém pode encontrar vestígios de celtas (1), senão nos fins do século vi a. C. ou princípios do v, a narrativa de Diodoro, dando-nos a certeza de que, muitos séculos antes da chegada da gente céltica a estas regiões, existia nelas um sistema religioso intimamente aparentado com a mitologia greco-romana, e que, com tôdas as probabilidades, subsistia no seu tempo; esta certeza, dizemos, tem a importância que pode imaginar-se, para nós que consideramos nula a influência céltica no nosso país.

Guimarães, 30-5-89.

(Na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, Pôrto, 1889 — vol. 1, n.º 2, pág. 61).

(1) O que não tira que os povos coligados contra o Egipto não tenham sido declarados celtas. O sr. Penka, nas suas *Origines Ariacae*, escritas há seis aaos, admite ainda esta opinião, substituindo o nome de Galos ao de Celtas, porque para êle os Galos são da mesma raça dos Germanos, da raça loura: os celtas nem pertencem a esta raça, nem mesmo à família ariana. Novas complicações para os celtistas. E, visto que entramos nos domínios do arbitrário, não admirará que também arrisquemos uma hipótese. (Os célebres Atlantes da tradição egípcia, a crer Platão, são uma pura fábula, ou há nisto a deturpação dum facto histórico? Essa gente vem dos lados do Atlântico e em tão innumerável quantidade que ninguém pode resistir-lhe. Por fim desaparecem quasi de repente. Os povos ligados contra o Egipto, vinham dos lados do Atlântico, e, depois das suas infrutuosas tentativas, como que desapareceram da história, certamente por se terem fixado, tornando-se sedentários. Porque vinham do lado do Atlântico, o seu país teria o nome de Atlântida; porque desaparecessem subitamente da cena histórica, a fantasia explicaria o facto por um cataclismo, que os engoliu com a sua terra. Não faltariam exemplos de pequenas ilhas desaparecidas com os seus habitantes, para fundamentar a fábula. Certo é que o nome de Atlantes, empregado por Diodoro, não é uma invenção sua.